

CARACTERIZAÇÃO PRAGMÁTICO-COGNITIVA DO TÓPICO EM INTERAÇÕES COMUNICATIVAS

Janayna Maria da Rocha Carvalho¹

janaynacarvalho@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho visa correlacionar a noção de tópico com propriedades lexicais expressas em um enunciado e sua relação com a cognição. Baseado na teoria da Língua em Ato (Cresti, 2001), o tópico é o campo da aplicação da força ilocucionária, a qual, por sua vez, refere-se à ação do locutor em relação ao interlocutor em um ato comunicativo. Embora não seja uma unidade informacional sempre presente no enunciado, o tópico é extremamente frequente em virtude do que pode desempenhar em uma interação comunicativa. A articulação tópico-comentário tem um papel crucial na contextualização temporal, espacial e até discursiva, mostrando, portanto, a importância dessa estrutura do ponto de vista pragmático-cognitivo. Nossa hipótese é a de que as expressões e as categorias modais estão sujeitas à variação em virtude do evento comunicativo em que são empregadas, além de que a correlação do tópico com as categorias modais (Tucci, 2008) mostra-se extremamente útil na medida em que a relevância cognitiva da categoria informacional pode ser amplamente descrita em termos formais, funcionais e distribucionais no enunciado. Os dados, textos monológicos, dialógicos e conversacionais, são todos oriundos do projeto C-ORAL-BRASIL, em fase de implementação.

PALAVRAS-CHAVE: tópico; modalidade; Teoria da Língua em Ato.

1. INTRODUÇÃO

São muitas as funções da prosódia, como, por exemplo, delimitar turnos em interações comunicativas, diferenciar perguntas de declarações e sinalizar atitudes e sentimentos das pessoas. Algumas delas são bastante especializadas porque apontam a relação entre a prosódia e outros fenômenos linguísticos. Nessa direção, o presente trabalho pretende estudar a estrutura informacional e sua correlação semântica em amostras de monólogos, diálogos e conversações do PB.

¹ Mestranda em Linguística Teórica e Descritiva na Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista do CNPQ.

O estudo da estrutura informacional é frequente na literatura linguística. Em 1844, os trabalhos de Weil já versavam sobre estruturas divergentes das sintáticas como unidades da comunicação. Dentre as abordagens atuais, autores como Chafe (1994), Lambrecht (1994) e Cresti (2000), dentre outros, buscaram entender tal estrutura de maneiras diferentes. Dessa forma, são especialmente conflituosas as discussões sobre as definições de tópico e de comentário, duas das unidades mais importantes – e, para muitas teorias, as únicas – para a formação de um enunciado. As definições com as quais trabalham os três autores suprarreferidos possuem alguns traços em comum, mas utilizamos, neste trabalho, a teoria de Cresti (2000), por considerarmos a mais completa e empiricamente verificável.

2. UMA BREVE REVISÃO DA NOÇÃO DE TÓPICO

Uma visão frequente é a de que há duas unidades fundamentais – o tema e o rema. O tema pode ser pronominalizado ou eliminado por estar relacionado a um referente ativo na percepção ou mente do falante e do ouvinte e o rema não poderia ser substituído por um pronome já que é o elemento informativo do enunciado e, portanto, essencial para sua completude. Em consonância com essas características, são também construídas, respectivamente, as noções de dado e novo. O dado é uma informação que está presente ou ativo na mente do interlocutor, e o novo, o que não está ativo, e que é, portanto, veiculado pelo comentário. As noções de tema/dado e rema/novo são muito usadas para se definir tópico e comentário, nessa ordem. Muitas abordagens partem dessa conceituação comum para discutir peculiaridades da estrutura informacional. Um exemplo é a análise de Lambrecht (1994) para a oração “*The children went to school*”. Nas palavras de Lambrecht (1994:120),

Para determinar se (e em que nível) o sujeito “as crianças” é o tópico desta ou nesta sentença, nós devemos saber se a proposição expressa nesta sentença foi construída pragmaticamente sobre as crianças, isto é, se as crianças designadas pelo sintagma nominal são “questão de interesse ou debate” (Strawson) (...) Para saber se é esse o caso, nós devemos conhecer o contexto.²

² Nossa tradução para: “ In order to determine whether (and to what degree) the subject noun phrase the children is the topic of, or is a topic in, this sentence, we must know whether the proposition expressed in this sentence is to be pragmatically construed as being about the children, i.e whether the children designated by the noun phrase

Lambrecht (1994) define o tópico de maneira semelhante à definição de sujeito da gramática tradicional, isto é, o tópico é algo sobre o qual uma proposição é feita ou faz referência. Para o autor, os tópicos não são necessariamente sujeitos gramaticais, a relação de tópico e comentário é uma relação entre um referente e uma proposição e o tópico é uma entidade sobre a qual algo é dito. Em Lambrecht (1994:126): ‘*Pat said she was called*’, *Pat* é o tópico ou referente sobre o qual algo é dito. O pronome ‘she’ está em relação anafórica com esse referente.

Essas formas de identificação de tópico e comentário têm se mostrado deficientes ao serem aplicadas ao discurso oral, pois os dados não apontam para uma manifestação do tópico como assunto sobre o qual se fala e já ativo na mente do falante, e comentário, como informação *sempre* nova e em relação de complementação nominal ou verbal com o tópico. Mostra-se importante, pois, um estudo que se debruce em dados de língua falada para explicitar essas noções e as características lexicais e morfossintáticas que as constituem.

3. A TEORIA DA LÍNGUA EM ATO

Baseada em Austin (1962), a Teoria da Língua em Ato foi proposta por Emmanuela Cresti e Massimo Moneglia e, mesmo passando continuamente por reformulações, tem sua expressão maior na obra *Corpus di italiano parlato*, publicada em 2000. A teoria prediz uma relação entre o agir humano e o agir na linguagem, sendo este último expresso no enunciado. Para os autores, o enunciado seria a expressão mínima que pode ser interpretada pragmaticamente, não coincidindo sempre, portanto, com unidades sintáticas, como exemplificado abaixo:

are ‘a matter of standing current interest or concern’(Strawson) (...) And to find out whether this is the case, we must know the context (...)”

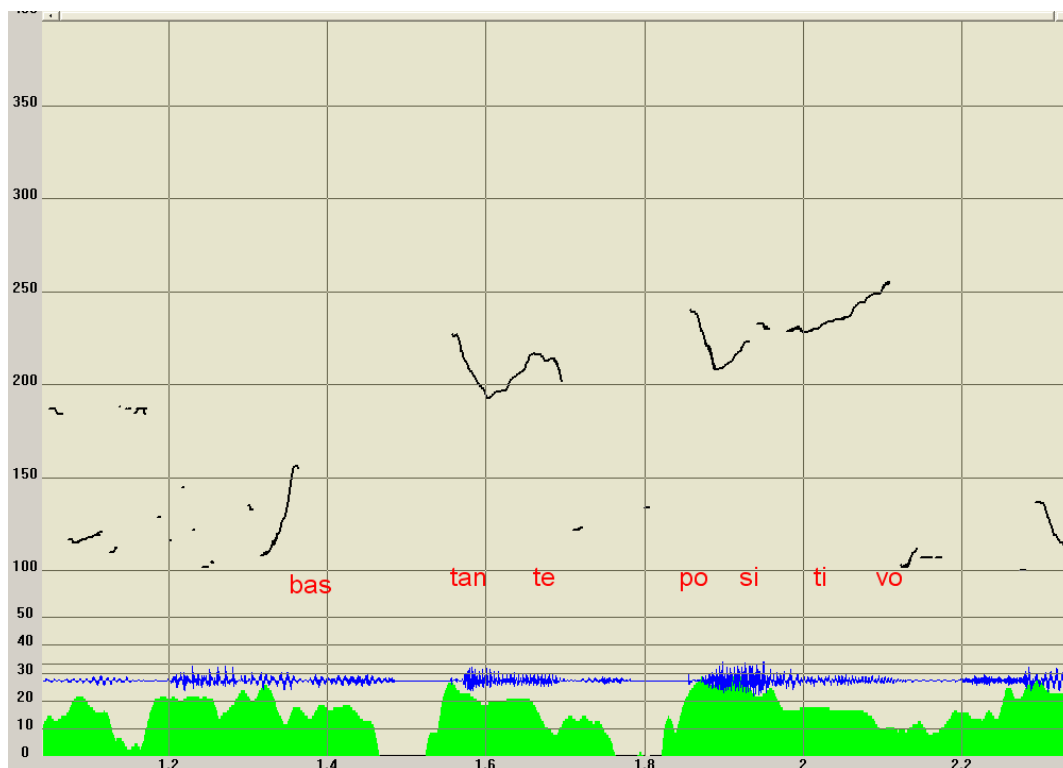


Figura 1: Padrão prosódico do enunciado “bastante positivo //”

A identificação do enunciado é feita através de seu perfil entonacional que tem valor terminal.³ Ele pode ser simples, quando tem apenas uma unidade informacional, como “comecei a observar os resultados das provas^{COM} //” ou complexo caso seja composto de mais unidades, como “tentam^{TOP} / fazer com que eu dê menos atividades^{COM} //”.

Apesar da possível estruturação complexa, para a existência do enunciado somente uma unidade é obrigatória, o comentário, pois é ele que veicula a força ilocucionária⁴ As outras unidades informacionais podem ter força ilocucionária como os auxílios dialógicos, mas que é fraca se comparada à do comentário uma vez que exercem outras funções que não a de veicular uma nova informação ou algo semelhante.

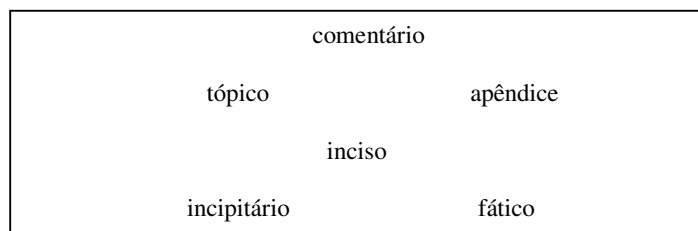
³ As noções de valor terminal e de não terminal são baseadas na Teoria Fonética Perceptual (T’HART; COLLIER; COHEN, 1990) Resumidamente, a teoria ressalta o importante papel da entonação no cumprimento de uma ação pelo falante (reconhecimento de um perfil entonacional terminal) e uma ação ainda em curso, mas na qual podem-se perceber unidades textuais mínimas responsáveis pelo engendramento da ação em curso (perfil entonacional não-terminal).

⁴ A ação do locutor sobre o interlocutor em um ato comunicativo.

3.1 A UNIDADE INFORMACIONAL DE TÓPICO

O tópico, na Teoria da Língua em Ato, é o campo da aplicação da força ilocucionária, isto é, uma espécie de contextualização para a ilocução que será veiculada no comentário. Segundo Signorini (2003), o enunciado pode ser fundado sobre a composição de dois pontos de vista diversos, o do tópico, de tipo cognoscitivo e realizado fora da interação pragmática com o interlocutor, e o do comentário, que é determinado pela qualidade atitudinal da ilocução e sempre de tipo acional. A força ilocucionária do comentário permite um referimento semântico ao tópico.

Em relação ao critério distribucional, o tópico vem sempre antes do comentário já que, como dissemos acima, estabelece o âmbito da força ilocucionária do comentário. O esquema distribucional/prosódico das principais unidades informacionais aparece abaixo:



Quadro 1: esquema distribucional/prosódico das principais unidades informacionais

O esquema acima mostra a subordinação das unidades ao comentário tanto no critério distribucional quanto no entonacional, já que o perfil entonacional dedicado de cada unidade informacional ganha interpretabilidade pragmática somente quando acompanhada de um comentário. Conforme a disposição da figura, ainda percebemos que as unidades de tópico e apêndice, chamadas, em razão disso, respectivamente de *prefix* e de *postfix*, são mais subordinadas ao comentário nos dois critérios supracitados. As demais unidades podem ter critérios distribucionais menos restritivos, mas ainda assim aparecem, na maior parte dos enunciados, nas posições acima exemplificadas na representação. Um exemplo prototípico do material estudado é o enunciado “e ^{AUX} / lógico ^{INX} / o projeto ^{TOP} / ajudou bastante ^{COM} / né ^{FAT} //”

Estudos sobre o tópico no PB ainda estão em andamento, mas já se sabe que o perfil ascendente-descendente é bastante frequente. Além disso, o tópico e o comentário são as

únicas unidades que possuem foco. A sílaba do foco do tópico tem duração de 400 ms, a qual é maior em relação às outras sílabas da mesma unidade informacional.

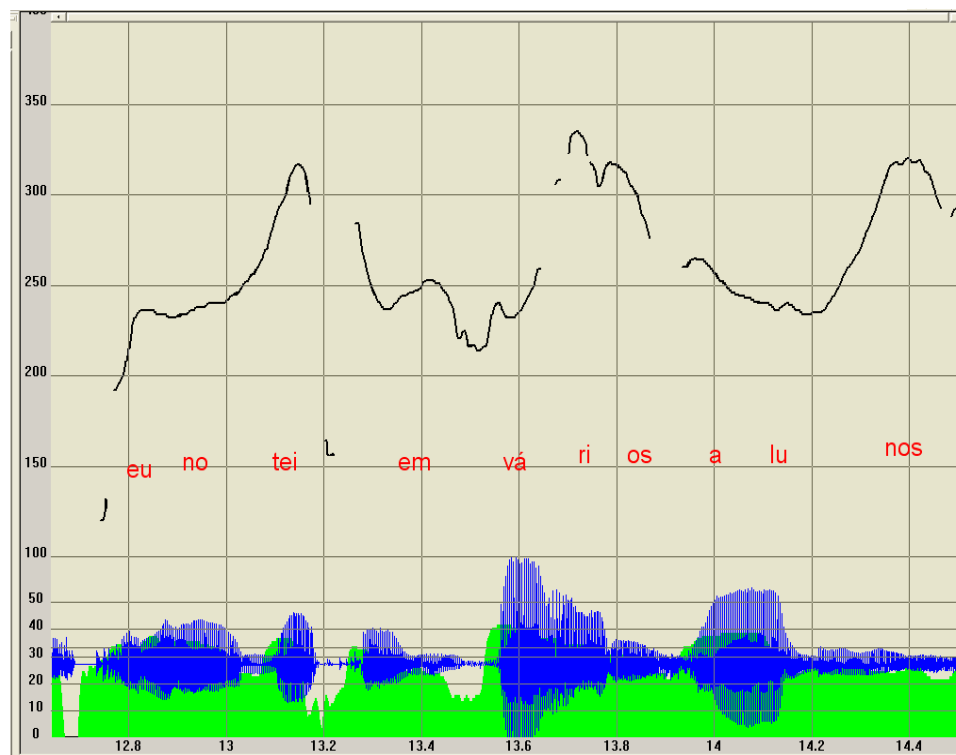


Figura 2: Padrão prosódico da unidade informacional “eu notei / em vários alunos / ^{TOP}”

4. Características lexicais do tópico

Quando estudos sobre o tópico são feitos com base na língua falada, a configuração dessa unidade informacional se mostra bastante diversificada. Jesus (2008), em um estudo baseado em dois textos de fala espontânea,⁵ com um total de 5.359 palavras e 33 minutos e 32 segundos, encontrou 163 tópicos os quais foram classificados como Tópicos Nominais, os quais são compostos por sintagmas nominais e complementos, Tópicos Verbais e Outros Tipos, em sua maioria, sintagmas adverbiais.

Em um detalhamento das funções desses sintagmas, o autor encontrou funções variadas, sendo a mais frequente, no texto dialógico, a de sentença representada pelo sintagma verbal. No texto dois, tendencialmente monológico,⁶ é mais frequente a noção de sujeito representada por sintagmas nominais. Assim, o tópico pode ter correlatos diversos quando

⁵ Usamos, neste trabalho, os mesmos textos utilizados por Jesus (2008) e Deus (2008), em suas dissertações de mestrado.

⁶ Consultar Deus (2008) para entender a classificação “*tendencialmente monológico*”.

dados são examinados em detalhe e não correspondem à correlação estrita, muitas vezes feitas entre “tópico e dado” e/ou “tópico e tema”, mostrada na seção “Uma breve revisão da noção de tópico”. De acordo com os dados acima expostos, a tipologia interacional parece influir fortemente na configuração do tópico.⁷

Além da possibilidade de várias correlações sintáticas, o tópico, em uma perspectiva semântica, possui índices de modalidade diferentes, pelo menos em parte, daqueles que constituem a unidade de comentário. A amostra examinada aponta para a pertinência da relação biunívoca entre unidade informacional e índice modal. Isto é, utilizando-se do instrumental da Teoria da Língua em Ato, é possível determinar a que unidade informacional o índice de modalidade pertence. Desse modo, é possível que, em um mesmo enunciado, haja dois índices diferentes correspondentes a unidades informacionais diferentes e, conseqüentemente, haveria valores modais diferentes que coexistem no mesmo enunciado. Um exemplo, baseado nos estudos de Tucci (2006) sobre o italiano falado, segue abaixo:

*IDA: in realtà /^{TOP} Basilicata /^{TOP} dovrebbe significare la terra dei boschi //^{COM}
[na realidade /^{TOP} / Basilicata /^{TOP} deveria se chamar bosque //^{COM}]

Na nossa amostra em português, também achamos exemplos similares:

*ADA: mas /^{INP} assim /^{INX} eu tô achando interessante /^{TOP} você falar /^{APT} né /^{FAT} que às vezes não dá certo //^{COM}
*ADA: mas /^{INP} uma das aulas que a gente conversou /^{TOP} naquelas sessões nossas /^{APT} né /^{FAT} de reflexão sobre as aulas /^{APT} é que você achou que nada deu certo //^{COM}

Baseando-se no exemplo acima, o valor modal de um enunciado não pode ser composicional. Ele não é resultante, portanto, de um cálculo dos componentes do enunciado, mas cada índice se relaciona com uma unidade, sendo o correlato de sua função no enunciado. A fim de testar essas relações em um estudo com dados de português brasileiro, procedemos à análise de três textos de fala espontânea para encontrar índices modais nos tópicos apurados.

⁷ Para maior detalhamento, ver Deus (2008)

4.1 CLASSIFICAÇÃO MODAL ADOTADA

A modalidade é uma das noções com mais definições concorrentes na literatura linguística. Em uma definição básica, podemos afirmar que:

“categoria gramatical associada com a expressão da obrigação, permissão, proibição, necessidade, possibilidade e capacidade. Não é nem um pouco fácil separar a modalidade da mais tradicional categoria de modo, que exprime grau ou tipo de realidade. (...) Esse termo é sobretudo prático na discussão de línguas que, como o inglês, recorrem a um conjunto de auxiliares modais para expressar estes conceitos.” (TRASK, 2004:194-195)

Tendo essa definição como norteadora, adotamos, na análise dos dados, a categorização lógica da modalidade, a saber, modalidades alética, deôntica e epistêmica.

Esses três tipos de modalidade são definidos com base na atitude do falante em relação à necessidade ou possibilidade de um estado de coisas. A modalidade alética se refere à expressão da necessidade e da possibilidade no mundo real. A modalidade deôntica, por sua vez, tem a expressão de necessidades e permissões sociais como sua característica mais forte. Já a modalidade epistêmica está presente na avaliação do falante sobre algo.⁸

Tal escolha se justifica pelo uso de uma amostra relativamente pequena e que seria mais facilmente estudada com três categorias já amplamente conhecidas. Além disso, os estudos de Tucci em que nos baseamos também se apoiam nessa classificação tripartida, facilitando, pois a comparação com os estudos do italiano e a validação do postulado para o português brasileiro.⁹

5. ANÁLISE DOS DADOS

Nossa análise se constitui de um texto é monológico, doravante M1, com duração de 9 min., 58 seg. e dois textos são dialógicos, doravante D1 e D2, e juntos totalizam 23 min. 51 seg. M1 possui 53 tópicos enquanto D1 possui 49 tópicos e D2, 47. Foi feita a segmentação

⁸ Exemplos para os três tipos acima, na ordem em que foram mencionados, seriam: “um tigre tem quatro patas”; “um tigre deve ficar no zoológico para a população se manter segura”; “Eu acho que um tigre deve ser perigoso”.

⁹ Como mencionado acima, reconhece-se a existência de várias outras classificações modais. Em virtude do caráter experimental deste trabalho, entretanto, as categorias lógicas se mostraram satisfatórias para o estudo feito.

dos textos em unidades tonais bem como a etiquetagem dos textos de acordo com as unidades informacionais tais como definidas pela Teoria da Língua em Ato.¹⁰

Dos 149 tópicos analisados, 85 não são modalizados. O índice de modalidade, provavelmente, encontra-se em outra unidade informacional. Dos 64 tópicos restantes, 44 são de tópicos com modalidade alética, 16 são de tópicos com modalidade epistêmica e 4 com modalidade deôntica. A especificação desses resultados segue no quadro a seguir:

	M1	D1	D2
TOP não modalizado	34	28	23
TOP com modalidade epistêmica	3	5	8
TOP com modalidade alética	16	12	16
TOP com modalidade deôntica	X	4	X
Total de tópicos por texto	53	49	47

Como exposto pela tabela acima e, em consonância com os estudos de Tucci para o italiano, a unidade informacional de tópico carrega índices modais preponderantemente aléticos e epistêmicos. Isso está correlacionado com a função do tópico, segundo Cresti (2000) e Signorini (2003), de ser o âmbito de aplicação da força ilocucionária, isto é, uma unidade que sinaliza ao falante sobre o que a força ilocucionária incide. Dessa forma, é de se esperar que a modalidade deôntica, expressa normalmente em ordens e conselhos, esteja, quando presentes no enunciado, na unidade de comentário, já que esses tipos de modalidade possuem um caráter acional mais proeminente. Isso pode ser bem notado ao se utilizar, como aporte teórico, o modelo de forças de Talmy, o qual pode ser visualizado, esquematicamente abaixo.

¹⁰ Além das unidades a que esse trabalho se refere – tópico e comentário – existem outras como os apêndices (de tópico e comentário); os incisos; os introdutores locutivos e os auxílios dialógicos, os quais, por sua vez, abrangem uma série de outras unidades. Para mais detalhes dessa classificação, ver Cresti (2000)

Entidades de força: *Agonista* [O] vs. *Antagonista*

Tendência intrínseca de força: *para o movimento* [>] vs. *para o repouso*

Resultante da interação de forças: *movimento* [-→-] vs. *Repouso* [--●--]

Equilíbrio de forças: *entidade mais forte* [+] vs. *entidade mais fraca*

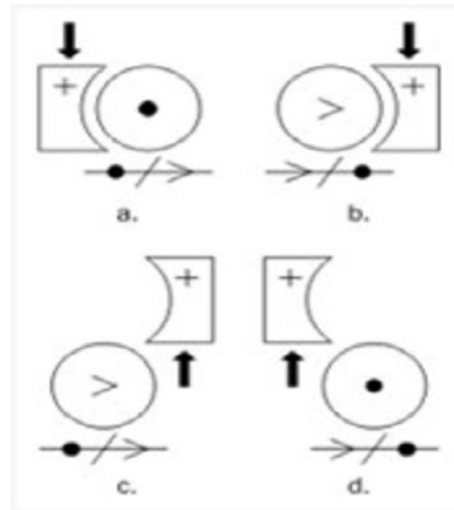


Figura 3: Esquema do Modelo de Forças de Talmy (2000)

Esse modelo permite visualizar como as modalidades deônticas, presentes em vários verbos, estão baseadas em conceptualizações das ações sociofísicas e representam ações essenciais para a comunicação em razão de estarem atreladas a permissões e proibições sociais. Por isso, aparecem, geralmente, relacionadas à unidade de comentário.

Entretanto, essa observação não justifica a pouca – mas existente - incidência da modalidade deôntica no texto D1. O tema desse texto, que pode ser intitulado como *responsabilidades do professor*, influencia a presença de índices modais referentes ao dever social e a incidência em outras unidades que não o comentário. Fez-se importante, portanto, considerar outros fatores como a tipologia e o tema do texto.

Por fim, essa breve análise mostra a relevância da proposta de Tucci (2006, 2007) também para o português brasileiro. Correlacionar um índice modal com uma unidade informacional específica permite o entendimento de efeitos pragmáticos específicos presentes no momento de produção do enunciado. Isso significa a necessidade de se basear os estudos da modalidade em textos da língua em uso, já que a função básica dessa categoria parece ser o gerenciamento da interação (cf. MIRANDA, 2006) Com o cálculo modal, a observação sobre o uso real da língua - e, especialmente, o impacto da modalidade na interação - é desconsiderado.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho teve o objetivo de, ao correlacionar a unidade informacional de tópico com os índices modais nele presentes, caracterizá-lo em um âmbito pragmático-cognitivo. Nossa amostra aponta para a pertinência, do ponto de vista pragmático, para a caracterização feita por Cresti, na qual a unidade de tópico é definida como o âmbito de aplicação da força ilocucionária (CRESTI, 2000). Do ponto de vista cognitivo, o mapeamento e a classificação dos índices modais encontrados mostram uma correspondência, no âmbito formal, da caracterização pragmática acima referida. Os poucos índices de modalidade deôntica encontrados na amostra sinalizam que a unidade informacional de tópico não desempenha papel acional relevante na interação, estando mais relacionada com a construção de *grounding*¹¹ para a interpretação da unidade de comentário, essa sim relacionada com a ação.

A noção de modalidade mostrou-se também caracterizável tanto do ponto de vista das interações examinadas quanto em relação ao ponto de vista cognitiva mais geral. Em consonância com a visão de Miranda (2006), a partir da análise de dados, essa noção semântica caracteriza-se como indissociavelmente ligada à enunciação e a manutenção dos papéis dos envolvidos na interação em curso. Não podendo, portanto, ser estudada com base em moldes lógicos, estáticos e dissonantes do processamento lingüístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHAFE, William. *Discourse, Consciousness and Time. The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
2. CRESTI, Emanuela. *Corpus di italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.
3. DEUS, L. *A Unidade Informacional de Tópico no português do Brasil*. Belo Horizonte, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais.
4. JESUS, A. *A unidade informacional de Apêndice no português do Brasil*. Belo Horizonte, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais.

¹¹ Em português, tal noção é expressa, normalmente, como *aterramento*.

5. Lambrecht, Knud. *Information Structure and Sentence Form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994
6. MIRANDA, N. S. Modalidade: o gerenciamento da interação. In: MIRANDA, N.S.; NAME, C.C. (Org.). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
7. RASO, T., Mello, H.; Deus, L.; Jesus, A. Uma aplicação da Teoria da Língua em Ato ao PB. *Revista de Estudos da Linguagem*, nº2, 2007.
8. TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics. vol.1* Cambridge: The MIT Press, 2000.
9. TUCCI, Ida. La Modalità nel parlato spontaneo e il suo dominio di pertinenza. Una ricerca corpus-based (C-ORAL-ROM Italiano). *Actes du XXVe CILPR*, 2008.
10. TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. Revisão Técnica de Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristóforo Silva. São Paulo: Contexto, 2004.
11. WEIL, H. *De l' ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes*. Monograph, 1844.

ABSTRACT - This paper aims to correlate the topic with lexical properties expressed in an utterance and its relation to cognition. Based on Information Patterning Theory (Cresti, 2001), the topic is the field of illocutionary force application, which refers to the action of the speaker over the hearer in a communicative act. Although not always present in the utterance, the topic is extremely frequent because its communicative interaction. The relationship between topic-comment plays a crucial role in the temporal context, spatial and even discursive, thus showing the importance of this structure in terms of pragmatic-cognitive aspects. Our hypothesis is that modality varies in relation to the communicative event in which they are employed. Besides the fact that the correlation of the topic with modality (Tucci, 2008) proves to be extremely useful to the topic formal, functional and distributional description. The data, monological, dialogical and conversational texts, are all derived from the project C-ORAL-BRASIL, which is being constructed.

KEYWORDS: topic; modality; Information Patterning Theory.

Recebido no dia 05 de junho de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 01 de agosto de 2010.